

LECTIO DIVINA: 28º DOMINGO DO TEMPO COMUM, ANO A

Acolhimento. Sinal da cruz. Oração inicial. Invocação do Espírito Santo:

A. Vinde, Espírito Santo, enchei os corações dos vossos fiéis

T. E acendei neles o fogo do vosso amor.

A. Enviai o vosso Espírito e tudo será criado

T. E renovareis a face da terra.

A. *Oremos.* Senhor, nosso Deus, que iluminastes os corações dos vossos fiéis com a luz do Espírito Santo, tornai-nos dóceis às suas inspirações, para apreciarmos retamente todas as coisas e gozarmos sempre da sua consolação. Por Cristo, nosso Senhor. T. Amen.

1) LEITURA (Que diz o texto? Que verdade eterna, que convite/promessa de Deus traz?)

Leitura do Evangelho segundo S. Mateus (22,1-14)

22,¹Tomando a palavra, Jesus falou novamente *aos chefes dos sacerdotes e aos anciãos do povo* em parábolas, dizendo: ²«O Reino dos Céus é semelhante a um rei que fez as bodas para o seu filho. ³Enviou os seus servos a chamar os convidados para as bodas, mas estes não quiseram vir. ⁴Enviou de novo outros servos, dizendo: “Dizei aos convidados: ‘Eis que preparei o meu banquete, os meus bois e cevados foram abatidos e tudo está preparado. Vinde às bodas’”. ⁵Mas eles não fizeram caso: um foi para o seu campo, outro para o seu negócio, ⁶e os restantes, agarrando os servos dele, insultaram-nos e mataram-nos. ⁷O rei ficou indignado e, enviando os seus exércitos, destruiu aqueles assassinos e incendiou-lhes a cidade. ⁸Disse então aos seus servos: “A boda está preparada, mas os convidados não eram dignos. ⁹Ide, pois, às encruzilhadas dos caminhos e chamai para as bodas a quantos encontrardes”. ¹⁰E saindo aqueles servos pelos caminhos, reuniram todos os que encontraram, maus e bons. E a boda ficou repleta de convivas. ¹¹Entrando o rei para observar os convivas, viu ali um homem que não estava vestido com traje nupcial. ¹²E diz-lhe: “Companheiro, como entraste aqui não tendo veste nupcial?” Ele, porém, ficou calado. ¹³O rei disse então aos servidores: “Atai-lhe os pés e as mãos e lançai-o fora, para as trevas exteriores; aí haverá choro e ranger de dentes”. ¹⁴Porque muitos são chamados, mas poucos escolhidos».

Ler a primeira vez... Em silêncio, deixar a Palavra ecoar no coração... Observações:

- **v. 1.** Estamos em Jerusalém, no Templo, um dia depois de Jesus nela ter entrado triunfalmente (21,18). O texto de hoje, a parábola das bodas reais, modelada a partir da parábola anterior (“falou novamente em parábolas”: 21,33-41), é a última das três parábolas que Jesus conta aos chefes dos sacerdotes e aos anciãos do povo para ilustrar a recusa deles a acolher o Reino de Deus, aproveitando para chamar todos à conversão.
- **v. 2.** A parábola decorre em três atos: os dois primeiros (vv. 2-10) são comuns a Lucas (14,16-24); o terceiro (vv. 11-14) é exclusivo de Mateus.

- *Primeiro ato* (vv. 2-7). A cena introduz um “rei” (lit. “homem rei”: 18,23; Jr 45,24, em contraposição a Deus, o Rei dos reis: Sl 84,4; Is 44,6; Dn 2,47; Ap 19,16) “que fez as bodas para o seu filho”. “Filho” tem artigo (21,37; Sl 2,7) para indicar que é o único (Zc 12,10). Em Is 25,6-10 o reino de Deus é descrito como um banquete messiânico (9,15; Ap 19,7.9). O banquete (Pv 9,1s) é o lugar por excelência do encontro, da comunhão de vida, de estreitamento de laços familiares e de amizade entre os convivas. O banquete de que Jesus fala é nupcial. No AT, o casamento é imagem da aliança de amor de Deus com o seu Povo (Os 2,16.19s; Is 54,5; 62,4s; Jr 3,14; 31,32). As bodas duravam sete dias (Jz 14,17; Est 1,5; Tb 11,19) e, se fossem reais, eram sumptuosas (1Ma 10,58), sendo acompanhadas por diversas solenidades (redução de impostos, amnistias, presentes, dádivas aos pobres, etc.).
- **v. 3:** 21,34; Pv 9,3. O convite é sempre um ato livre, uma iniciativa magnânima e bondosa do rei. Para as bodas podiam ser convidados só os principais do reino, os servos do rei, mas também o povo (Est 1,5; 2,18; Tb 11,19). O rei (Deus) “enviou” (gr. *apostéllo*) os seus servos (gr. *douílos*), ou seja, os profetas e os apóstolos (21,35s; Lc 11,49ss; Jr 7,25s; 25,4; 29,19; 44,4; 2Rs 17,13; 2Cr 24,19), a chamar primeiro os dignitários do reino (os chefes do povo de Israel), mas estes “não quiseram” ir (23,37; Jo 5,40).
- **v. 4:** 21,36; Pv 9,2.5; Hb 2,3; Ap 19,7. O rei renova o convite, enviando-lhes outros servos, insistindo na urgência escatológica do banquete ao repetir *por três vezes* que tudo está preparado (2x aqui, v. 8). **v. 5.** Mas os convidados não fazem caso e persistem na recusa (Ne 9,26; Jr 2,27; 32,33), nada mudando nas suas vidas e apresentando as desculpas mais banais.
- **v. 6:** 21,35; 23,37. Mateus acrescenta dois versículos próprios (vv. 6-7). Outros convidados, porém, reagem violentamente, desenhando um quadro gravíssimo. Recusar um convite do rei já era uma ofensa inqualificável, tanto mais que se tratava do casamento do seu único filho, o herdeiro (21,38). Como se isso não bastasse, manifestaram tal animosidade que insultaram (At 14,5) e mataram os servos do rei (cf. At 7,52; 1Ts 2,15).
- **v. 7:** 21,41; 18,34; Lc 19,27. Indignado (lit. “irado”) com tão inaudita provocação, o rei manda “os seus exércitos” para punir esses malvados e incendiar-lhes a cidade, executando a justa sentença divina (cf. 2Rs 25,9; 36,19; Jr 52,13; Br 1,2; Ez 16,41), uma nota exclusiva de Mateus, que se refere à destruição de Jerusalém pelas tropas romanas de Tito, em 70 d.C., tropas, cuja autoridade suprema, em última análise, não é o imperador, mas o próprio Deus (cf. 25,32; Jo 19,11; Is 13,3-5; 45,13).
- **v. 8:** At 13,46. *Segundo ato* (vv. 8-10). Não sendo os primeiros convidados “dignos” (Mt 9x: 3,8; 10,10.11.13.37s), por não terem dado uma resposta apropriada, **v. 9**, o rei manda os seus servos “ir” (gr. *poreúomai*, Mt 27x: 10,6; 21,6; 28,7.19) e convidar para as bodas quantos encontrassem nas “encruzilhadas dos caminhos” (Pv 8,2), ou seja, nas portas e nos mercados das cidades, onde confluía todo o tipo de pessoas, das mais diversas nações, símbolo da missão da Igreja entre os marginalizados, os

pecadores e os gentios. É uma atitude surpreendente, que se dirige “a quantos” encontrarem. **v. 10.** Jesus menciona *em primeiro lugar* os “maus” (13,47s; 5,45) – aqueles que todos julgavam estar excluídos da salvação, porque serem impuros e pecadores (Lc 14,21) – e só a seguir os “bons”. Mas foi esta multidão de deserdados, que nunca se tinha sentado à mesa de alguém importante, que aceitou o convite e, “reunida” (gr. *synágô*: Sl 47,10; 102,23; Is 56,8; 66,18), veio reclinar-se à mesa do rei, enchendo a sala das bodas (cf. Ap 7,9) de “convivas” (lit. “redinados”: v. 11; 9,10; 26,7.20).

- **v. 11.** *Terceiro ato* (vv. 11-13). Com a parábola do “conviva” sem traje nupcial, exclusiva de Mateus, a cena é transferida para o juízo final. O rei entra na sala das bodas para ver os convivas e encontra um que não traz o traje nupcial. O traje nupcial é símbolo das obras de justiça e amor que florescem na vida de quem se converteu à fé (cf. 7,21s; Is 61,10s; Ap 19,8).
- **v. 12.** O rei interpela, não os servos, que certamente lhe tinham dado um traje nupcial, mas a ele chamando-o “companheiro” (gr. *etairos*, “camarada”: 20,13; 26,50). Isto mostra que cada um terá de dar contas a Deus das suas ações (18,23; 25,19; Jr 17,10). “Ele ficou calado” porque a fé sem obras, que não se traduz na caridade, está morta (25,41-45; Gl 5,6; Tg 2,17.26).
- **v. 13.** O rei manda, então, os “servidores” (gr. *diákonos*: 20,26; 23,11; Est 1,10; 6,3.5) expulsá-lo da sala, como se fazia a um convidado bêbado e violento, que só provocava desacatos (cf. [mAbot 4,16](#)). Ao invés, porém, dos prisioneiros que, quando eram encarcerados, podiam agridilos nas mãos e/ou os pés (2Rs 17,4; At 12,4.7; 16,24), sendo levados para “fora” só para serem mortos (cf. 21,39; Hb 13,12), este é lançado “fora” de mãos e pés “atados” (12,29; 16,19; 18,18), incapaz de caminhar no bem, ou seja, de o praticar (cf. 2Sm 3,34; Lm 1,14; Dn 3,20; At 21,11). “Para as trevas exteriores” (8,12; 25,30; Sb 17,2), símbolo da condenação que priva a pessoa da luz da graça e a põe à mercê de Satanás, que dela faz escrava do pecado e da morte (cf. 25,41; 1Cor 5,5; 1Tm 1,20; 5,15). “Aí haverá choro e ranger de dentes” (*Mt*, 6x: 8,12), símbolo do desespero e raiva dos réprobos ao verem a sua condenação e a bem-aventurança dos justos, que acreditaram e praticaram o bem (cf. 18,13; 25,21.23.34.46).
- **v. 14:** Ap 19,9. Jesus conclui com um jogo de palavras em grego, distinguindo entre os que respondem ao convite universal à salvação, os “chamados” (gr. *klêtoi*), e os que lhe correspondem até ao fim, com perseverança, os “escolhidos” (gr. *eklektoi*: Rm 8,33), advertindo todos contra o perigo duma falsa segurança da salvação (1Cor 6,9s; Gl 6,7s; Ef 5,5s; Tg 1,22; 1Jo 3,7s).
- Todos, a começar pelos pecadores, são chamados ao Reino. Mas não basta ser batizado e dizer que se tem fé; é preciso viver como filho de Deus, praticando as obras de justiça e de caridade do Reino (5,20; 6,33; 25,35-40), dando frutos de sincera conversão (3,8; 5,16.20; Jo 15,5.8.16; Rm 2,6-10; 6,22; Gl 5,22). Quem o não fizer, exclui-se a si mesmo da salvação, não participando do banquete do Reino dos céus.

Ler o texto outra vez... Em silêncio, escutar o que Deus diz no segredo...

2) MEDITAÇÃO... PARTILHA... (*Que me diz Deus nesta Palavra?*)

a) Que frase me toca mais? b) Que diz à minha vida? c) Oração em silêncio... d) Partilha... e) Que frase reter? f) Como a vou / vamos pôr em prática?

- Como respondo aos apelos do Senhor: passo a vida a adiar ou ponho-o acima de tudo, procurando segui-lo dia após dia?
- O meu compromisso com o Reino é sincero e empenhado? Já convidei alguém a participar comigo na celebração da minha fé? Vou ao encontro dos que vivem afastados e dos que todos rejeitam?

3) ORAÇÃO PESSOAL... (*Que me faz esta Palavra dizer a Deus?*)

4) CONTEMPLAÇÃO... (*Saborear a Palavra em Deus, deixando que ela me inflame o coração*)

SALMO RESPONSORIAL

Sl 23,1-6 (R. 6cd)

REFRÃO: **Habitarei para sempre na casa do Senhor.**

O Senhor é meu pastor: nada me falta.
Leva-me a descansar em verdes prados,
conduz-me às águas refrescantes
e reconforta a minha alma. R.

Ele me guia por sendas direitas por amor do seu nome.
Ainda que tenha de andar por vales tenebrosos,
não temerei nenhum mal, porque Vós estais comigo:
o vosso cajado e o vosso báculo me encham de confiança. R.

Para mim preparais a mesa
à vista dos meus adversários;
com óleo me perfumais a cabeça
e o meu cálice transborda. R.

A bondade e a graça hão de acompanhar-me
todos os dias da minha vida,
e habitarei na casa do Senhor
para todo o sempre. R.

Pai-nosso...

Oração conclusiva:

Nós Vos pedimos, Senhor, que a vossa graça preceda e acompanhe sempre as nossas ações e nos torne cada vez mais atentos à prática das boas obras. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, que é Deus e convosco vive e reina na unidade do Espírito Santo, por todos os séculos dos séculos. T. Amen.

Ave-Maria...

Bênção final. Despedida.

5) AÇÃO... (*Caminhar à luz da Palavra, encamando-a e testemunhando-a na nossa vida*)